

Declaração – 8ª Assembleia Geral da WFFP
20 de novembro de 2024
Brasília , Brasil

Nós, o Fórum Mundial dos Povos Pescadores (WFFP), nos reunimos de todo o mundo de 15 a 21 de novembro de 2024 em Brasília , Brasil, para a 8ª Assembleia Geral do WFFP . Mesmo que a disseminação da pandemia da COVID tenha causado atraso em nosso espaço de tomada de decisão mais importante, continuamos lutando em apoio aos pescadores de pequena escala. Convidamos o mundo a ouvir nossas vozes para avançar na salvaguarda de nossos direitos coletivos, por meio da implementação de soluções reais para nossos povos.

Nós, como representantes de 29 organizações nacionais e regionais de pescadores, contando com mais de 10 milhões de pescadores de todo o mundo, reiteramos a mensagem de que a pesca em pequena escala é o ator-chave para garantir a soberania alimentar, a biodiversidade e a sustentabilidade ambiental. No entanto, nossa sobrevivência e prosperidade dependem de mudanças sistêmicas no sistema alimentar global, na reversão do modelo capitalista dominante de expansão econômica e no reconhecimento de nossos direitos coletivos pelos governos.

Vivemos em um mundo em que conflitos e guerras são as causas raiz do avanço da fome e da pobreza, afetando especialmente mulheres, jovens e comunidades marginalizadas. Portanto, condenamos veementemente o uso da fome como arma de guerra. Somos solidários com os pescadores e povos da Palestina, mas também com pescadores e povos que sofrem com outros conflitos, como Líbano, Sudão, Iêmen, República Democrática do Congo, Haiti, Mianmar e os países do Sahel, entre outros. O pleno respeito ao direito internacional deve ser a base para continuar trabalhando na comunidade internacional.

Além dos conflitos, nossos pescadores e povos indígenas continuam sofrendo violações de nossos direitos, especialmente no acesso à pesca, devido à promoção de falsas soluções, ao avanço da aquicultura industrial e ao conflito desregulado entre a pesca industrial e a pesca de pequena escala.

Soluções falsas estão sendo promovidas em nível internacional – promovidas principalmente pelas ONGs ambientais – e afetando fortemente nossos territórios e nossas vidas. A meta de conservar 30% dos oceanos (e da terra) até 2030 - conhecida como 30x30 - é uma ameaça aos pescadores tradicionais, onde essas medidas ameaçam nossas vidas, coletando evidências de pescadores baleados por guardas florestais. Rejeitamos as soluções climáticas como Blue Carbon, créditos de carbono e compensações de biodiversidade. E resistimos aos chamados enormes parques eólicos sustentáveis que estão sendo construídos em todo o mundo.

A aquicultura industrial ou “fábricas de peixes”, às vezes descritas como “alimentos aquáticos” ou “alimentos azuis” são apresentadas como uma alternativa sustentável à pesca de captura, mas isso é falso. A expansão da aquicultura industrial está levando ao aumento da violência contra comunidades, especialmente pescadoras, que são excluídas de seus territórios tradicionais e áreas de captura; sujeitas à violência, assédio, criminalização e abuso; e privadas de seus meios de subsistência e de sua soberania alimentar

A pesca industrial está intimamente relacionada à aquicultura industrial, pois quantidades crescentes de peixes capturados por arrastões são processados em ração para aquicultura. Isso aumenta a pressão sobre a pesca de captura selvagem e prejudica a soberania alimentar da pesca em pequena escala. A pesca industrial está piorando a crise alimentar global e aumentando o processo de perda de biodiversidade.

Estamos testemunhando lutas coletivas em todo o mundo, por comunidades que estão sendo desapropriadas. As lutas e estigmas socioculturais associados à pesca levaram muitos jovens a buscar oportunidades fora do setor, muitas vezes levando à migração para áreas urbanas ou para outros países, ameaçando nossa herança, cultura e sua viabilidade a longo prazo. Nosso objetivo é aumentar a participação dos jovens em nossa organização para permitir que os jovens defendam seus direitos em nível nacional, regional e global.

As mulheres estão liderando batalhas para resistir aos esforços para apagar nossas histórias e homogeneizar nossa identidade e cultura. É fundamental considerar as mulheres como guardiãs da agroecologia e da biodiversidade. Suas perspectivas e direitos devem ser cumpridos em políticas públicas, programas e estruturas legais. As mulheres pescadoras já estão defendendo seus direitos em suas comunidades e nos setores pesqueiros globalmente, e devem ser apoiadas para fazê-lo.

O WFFP reconhece que os povos indígenas sofrem mais sob o capitalismo e o imperialismo. Os governos separaram a terra do mar por meio de reformas políticas e projetos de desenvolvimento, mas os povos indígenas coexistem com a natureza e protegem nossos ecossistemas desde tempos imemoriais. A terra e o mar estão intrinsecamente conectados. Mais da metade dos rios do mundo agora enfrentam níveis de água em declínio devido às mudanças climáticas, poluição, construção de barragens, interligação de rios, aquicultura e atividades industriais descontroladas. A pesca interior deve ser explicitamente reconhecida em estruturas nacionais e internacionais, garantindo sua inclusão nas políticas.

Respondemos a essas ameaças, construindo solidariedade com outros movimentos sociais globais por meio do Comitê Internacional de Planejamento para Soberania Alimentar (IPC). Continuamos comprometidos em participar de uma plataforma política multilateral legítima relacionada à alimentação e agricultura, onde podemos defender nossos direitos e interesses. Consideramos a FAO e o CFS como as agências da ONU que apoiam a criação e a implementação da governança global com nossa participação ativa. Em particular, apoiamos as Diretrizes de Pesca em Pequena Escala, como base para orientar todos os itens discutidos no Comitê de Pesca da FAO (COFI), ao mesmo tempo em que orientam a criação de políticas públicas para pesca em pequena escala por meio da Década da ONU sobre Agricultura Familiar. Também consideramos o Conselho de Direitos Humanos como o lugar onde poderemos documentar a violação de nossos direitos coletivos como pescadores e levantar nossas vozes com mecanismos específicos.

Não estamos sentados esperando a catástrofe. Estamos lutando e continuaremos a fazê-lo. É por isso que estamos nos mobilizando dentro e além do movimento de soberania alimentar, para construir nossa resposta em níveis global e local por meio do Processo Nyéléni. Por meio desse processo de vários anos, esperamos reunir milhares de organizações de base e outros aliados para discutir e apresentar uma forte agenda de soberania alimentar e justiça climática, social, racial e de gênero para os próximos anos.

Em todos os lugares os custos de produção estão aumentando, os preços dos alimentos diminuem e temos cada vez mais dificuldades de acesso aos nossos mares. Precisamos de políticas públicas agora para continuar a fazer o que amamos fazer. Não podemos esperar mais. Caso contrário, todos nos tornaremos um museu. Nascemos no mar e queremos morrer no mar. Mas para isso, precisamos de medidas concretas e precisamos agir agora.

“Nós somos os oceanos, nós somos as águas, nós somos as pessoas!”